

A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DA AGRICULTURA FAMILIAR/ CAMPONESA: ANÁLISE DAS CATEGORIAS PROPRIEDADE, TRABALHO E FAMÍLIA NA COMUNIDADE RURAL DE SOBRADINHO, UBERLÂNDIA(MG).

**Raphael Medina Ribeiro – Instituto de Geografia da Universidade Federal de
Uberlândia.**

raphatequila@yahoo.com.br

João Cleps Júnior – Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia

jcleps@ufu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca entender a presença da agricultura familiar/camponesa na comunidade rural de Sobradinho (Uberlândia-MG), a partir da análise das relações de trabalho existentes nas unidades produtivas, das características da propriedade da terra e da organização e composição dos grupos familiares.

A abordagem teórico-metodológica foi encaminhada através do que estamos denominando de eixo “propriedade, trabalho e família”, tendo como ponto de entendimento o olhar sociocultural, a despeito de outros caminhos de análise possíveis, como a esfera econômica ou política de vida e de reprodução dos produtores rurais.

Os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa consistiram na realização de um estudo bibliográfico, encaminhado a partir das temáticas: agricultura familiar e agricultura camponesa, o desenvolvimento e expansão do capitalismo no campo, a trajetória histórico-social do campesinato brasileiro e a dimensão sociocultural de grupos sociais do meio rural. Recorremos também a dados históricos produzidos sobre o município de Uberlândia.

Além disso, elaboramos e aplicamos entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, sendo que às vezes estas foram gravadas, junto aos produtores rurais da comunidade rural de Sobradinho. Valorizamos também o estabelecimento de diálogos informais e conversas com os moradores.

A pesquisa de campo ocorreu através da realização de cerca 15 trabalhos de campo na comunidade rural, entre os meses de janeiro, fevereiro e março de 2005, atingindo a amostra de 20 grupos familiares, de aproximadamente 60 que residem na localidade.

Alguns autores nortearam nosso estudo teórico como Brandão e Ramalho (1986), Woortmann e Woortmann (1997) e Santos (1978), tornando possível a partir daí, desvelar um conjunto de situações, estratégias e realidades vividas pelos pequenos produtores, agricultores e sítiantes de diferentes regiões do país, compondo assim, o que poderíamos chamar de uma lógica social de reprodução da agricultura familiar/camponesa, vista, sobretudo a partir da sua dimensão sociocultural.

Na perspectiva de Woortmann (1997) o conjunto terra, trabalho e família assume importante significado na compreensão dos aspectos socioculturais e dos modos de vida de camponeses e dos vários grupos sociais e comunidades que ocupam o meio rural brasileiro.

Wanderley (2001) ao fazer uma reflexão sobre os significados e os empregos do conceito de agricultura familiar e campesinato em diferentes épocas e na atualidade, considera, que é partir de seu patrimônio sociocultural, que os agricultores familiares modernos enfrentam os novos desafios, utilizando-se das armas que possuem e que aprenderam a usar ao longo do tempo.

2. DESENVOLVIMENTO.

2.1. A PROPRIEDADE.

Por meio do *eixo propriedade*, tivemos o intuito de registrar alguns dados acerca da propriedade e posse da terra na comunidade rural em questão.

Com relação à *condição de uso e posse da terra*, verificamos que, na sua grande maioria, as propriedades são dirigidas pelos proprietários, caracterizando a predominância da exploração direta do estabelecimento, isto é, realizada pelos próprios proprietários.

O *tamanho das propriedades* foi outro aspecto investigado em campo, apresentado por meio do quadro seguinte:

| Número de hectares (ha) | Número de propriedades |
|-------------------------|------------------------|
| menos de 20 | 5 |
| 20 a menos de 40 | 7 |
| 40 a menos de 60 | 4 |
| 60 a menos de 80 | 2 |
| Acima de 100 hectares | 1 |
| Não informou | 1 |

Quadro 1: Propriedades rurais segundo grupos de área total em hectares.
Fonte: pesquisa de campo, março de 2005

Desse modo, verificou-se a predominância das pequenas propriedades na comunidade de Sobradinho. O extrato mais representativo, constatado pela amostra de campo, foi entre 20 e 39 hectares. Das 20 propriedades visitadas, apenas uma não possui área abaixo de 100 hectares, sendo declarada com 121 hectares.

Assim, diante da constatação empírica da diminuição do tamanho das propriedades rurais, se comparado à extensão das unidades produtivas em épocas passadas, uma questão pode ser depreendida: o processo de intensa fragmentação de terras ocorrido historicamente nesta comunidade rural, bem como no restante do município.

Contudo, tal situação aplica-se de forma abrangente ao mundo rural brasileiro, especialmente às áreas rurais de presença tradicional da exploração familiar, onde os mecanismos de sucessão do patrimônio fundiário, bem como a partilha de terras, configuram-se como tradição sociocultural.

O parcelamento e a diminuição das áreas produtivas fazem surgir alguns impasses quanto à permanência das gerações descendentes, especialmente dos filhos e netos, acarretando inclusive a migração de alguns familiares para outras áreas da mesma comunidade, de outra comunidade rural, para a cidade de Uberlândia ou outros municípios.

Verificamos vários casos da saída de membros da família para fora da comunidade, principalmente de mulheres/filhas que foram para a cidade de Uberlândia, ou para outras localidades.

Quanto à *forma de aquisição da propriedade*, ocorrem, entre os vinte produtores visitados, arranjos do tipo:

- a) compra entre produtores não ligados por laços de parentesco, portanto, não-parentes;
- b) aquisição somente através da herança;
- c) aquisição por herança, associada à compra de mais terras de parentes (em geral irmãos e irmãs);
- d) aquisição por herança, associada à compra de mais terras de não-parentes.

Cabe ressaltar, que tais arranjos foram identificados, de forma geral, no conjunto dos entrevistados. Não detalharemos neste estudo, a composição específica dos arranjos de cada propriedade visitada, no entanto, salientamos que os arranjos “c” e “d”, são mais representativos empiricamente do que o tipo “a” e “b”.

A fim de visualizar melhor a situação descrita, apresentaremos no quadro seguinte, a forma de aquisição da propriedade, associada ao número de produtores entrevistados:

| Forma de aquisição da propriedade | Nº. de produtores |
|---|--|
| Adquiridas através de parentes (herança e/ou compra) | 14 |
| Adquiridas através de não-parentes (apenas compra) | 3 |
| Outros | 1 não-proprietário; 2 não informaram; |

Quadro 2 – Forma de aquisição das propriedades rurais na comunidade de Sobradinho.
Fonte: pesquisa de campo, março de 2005.

Assim, na maior parte das propriedades compreendidas pelo estudo, ocorreram simultaneamente as duas formas de aquisição - o recebimento de pelo menos uma parcela da propriedade por herança, seguido, da aquisição de mais terras através da compra, seja de parentes ou de não-parentes, ainda que seja uma pequena parcela.

Moura (1986), ao refletir sobre a função dos mecanismos de herança na reprodução social camponesa, afirma que

como a terra é o meio de produção principal para que exista a relação entre produção e consumo, entre moradia e trabalho, sua herança desempenha um papel estratégico na existência camponesa: é um dos fundamentos sobre os quais se apóia a reprodução social do campesinato parcelar. (p.29)

Consideramos, assim, que a sucessão familiar de terras tem representado, ainda nos dias atuais, uma estratégia central na manutenção e reprodução social dos produtores rurais da comunidade rural de Sobradinho.

2.2. O TRABALHO.

O primeiro dado referente ao *eixo trabalho* diz respeito à expressividade da presença do *trabalho familiar* nas unidades produtivas da comunidade rural de Sobradinho.

A *mão-de-obra familiar* constitui assim, a principal força produtiva empregada no desenvolvimento das diversas atividades no interior das propriedades.

O número de pessoas que se ocupam das atividades produtivas oscila entre 1 e 4, dependendo da realidade de cada família e da disponibilidade dos membros familiares.

Com respeito à participação dos membros familiares nas atividades de trabalho na propriedade, a situação em que tivemos mais registros entre os produtores visitados foi o trabalho quase “exclusivo” do pai e da mãe em conjunto. Assim, o casal de proprietários é responsável por desempenhar a maioria e as principais atividades de trabalho nas propriedades. Constatamos alguns casos, porém menos comuns, em que o trabalho (de membros da família) na propriedade restringe-se apenas ao pai, ou, menos comuns ainda, no entanto existentes, apenas da mãe.

Essas situações foram verificadas nas famílias em que o pai, ou a mãe, ou os filhos possuem alguma ocupação permanente fora da propriedade, como o emprego ou os estudos. Registramos situações em campo em que pais, ou mães ou filhos trabalham o dia inteiro na Escola Agrotécnica Federal que se localiza na própria comunidade rural, fazendo com que as atividades cotidianas de trabalho nas propriedades recaiam mais sobre um ou dois membros da família.

Esses dados revelam também que o trabalho e a renda que sustentam as famílias não são oriundos apenas das atividades agrícolas, mas, também, de atividades não-agrícolas, como é o caso de empregos fora da propriedade.

O segundo arranjo mais representativo da participação dos membros da família consiste no trabalho dos pais juntamente com o dos filhos, tanto do sexo masculino como feminino. No entanto, de forma geral, os filhos participam menos das atividades do que os pais, pois possuem outros compromissos, como, por exemplo, a escola ou alguma atividade de trabalho fora da propriedade, conforme apontamos anteriormente.

Outro arranjo que vale ser destacado consiste no trabalho dos pais, junto com os filhos, somados também ao dos genros e/ou noras. Em algumas propriedades, pelo fato de os filhos terem casado

e continuarem morando na mesma propriedade dos pais, seus cônjuges passam a desempenhar atividades de trabalho na propriedade.

Santos (1978) ao analisar a organização do trabalho familiar no núcleo colonial camponês de São Pedro (RS), considera que

cada pessoa da família camponesa desempenha um trabalho útil e concreto, segundo o momento e a necessidade. Desse modo, estrutura-se no interior da família uma divisão técnica do trabalho, articulada pelo processo de cooperação, resultando numa jornada de trabalho combinada dos vários membros da família. (p.34)

Ao aproximarmos a argumentação de Santos (1978) à nossa realidade de estudo, podemos observar, também, a *divisão do trabalho familiar* entre os produtores familiares da comunidade rural de Sobradinho.

De um lado, os homens – pais, filhos, genros que são responsáveis primeiramente pelas atividades produtivas, como serviços mais “pesados”, que demandam maior força física; ou pelas atividades que envolvem “os negócios”, como a comercialização da produção mercantil, ou do gado. O que plantar, como plantar, o que criar e como criar, são responsabilidades primeiras dos homens.

A produção voltada ao mercado, como ocorre com a pecuária leiteira e algumas culturas como banana, jiló, mandioca e frutas, entre outras, são trabalhos principais dos quais os homens se encarregam. No momento da comercialização e na intermediação junto a estabelecimentos, como cooperativas de leite, ou à Ceasa (Centrais de Abastecimento de Minas Gerais) da cidade de Uberlândia, a figura masculina faz-se ainda mais presente.

De outro lado, o trabalho das mulheres, mães, filhas e noras, configuram também como de reconhecida importância ao cotidiano da propriedade.

Para as mulheres os serviços principais estão associados à manutenção da casa, como a limpeza, as refeições diárias e a lavagem de roupas. Em geral, realizam, também, atividades nos espaços próximos da casa, como o quintal e, eventualmente, uma horta.

Nosso último registro associado ao *eixo trabalho* refere-se à presença da *ajuda mútua* como um aspecto das relações de trabalho entre os produtores da comunidade de Sobradinho.

A ajuda mútua ou o auxílio entre os produtores apresenta-se sob a forma de troca de serviços, que é realizada entre vizinhos e parentes.

Assim, no cotidiano de trabalho da propriedade, são diversas as situações em que os produtores contam com a cooperação de seus vizinhos, como podemos destacar os serviços ligados à pecuária, como apartar o gado, tirar leite, produzir o silo, bem como, atividades ligadas à lavoura, como o plantio e a colheita.

Alguns serviços gerais de manutenção da propriedade demandam, às vezes, a ajuda dos vizinhos, em consertos de equipamentos e instalações, como cisterna, implementos agrícolas, cercas, curral, entre outros.



Figura 1: Trabalho coletivo para a produção do silo na comunidade Sobradinho.

Fonte: Pesquisa de campo, março de 2005.

Autor: RIBEIRO, Raphael Medina.

Nesse sentido, foi possível observar através da nossa experiência de campo, que os laços de ajuda mútua e cooperação representam uma estratégia de grande importância à reprodução social dos produtores. A solidariedade entre os moradores contribui nas atividades cotidianas da esfera do trabalho, face à escassez da mão-de-obra familiar.

2.3. A FAMÍLIA.

Ao realizarmos a pesquisa de campo, a fim de estabelecer uma relação mais próxima com as famílias da comunidade rural de Sobradinho, foi possível observar de forma concreta a dimensão que uma análise mais profunda acerca da organização do parentesco entre os produtores rurais poderia tomar.

Pelo alcance limitado da nossa pesquisa, não foi possível empreender uma análise tão profunda e abrangente a ponto de reconstruir de forma precisa às gerações ascendentes e descendentes, bem como a composição exata dos vários grupos familiares residentes na comunidade rural de Sobradinho.

Todavia, através dos resultados alcançados neste trabalho, tornou-se possível conhecer, ainda que de forma não profunda, dados da organização do parentesco e algumas características dos grupos familiares da comunidade.

O primeiro registro refere-se ao número de produtores entrevistados que possuem algum laço de parentesco (em qualquer grau) com outros moradores da comunidade de Sobradinho.

Obtivemos, como resultado, 14 produtores que possuem laços de parentesco e 3 que não possuem. Não obtivemos essa informação de 3 produtores rurais.

Ao percorrermos a comunidade encontramos vários proprietários(as) que são irmãos(ãs), tios(as), pais, mães, filhos, filhas, netos de alguma pessoa que morou e/ou que ainda reside na localidade.

A partir daí, notamos a existência de algumas redes de parentesco formadas entre os produtores da comunidade, sejam eles vizinhos ou não.

Existem vários produtores que estão reunidos em grupos familiares de sobrenomes comuns, como as famílias “Segatto”, “Zanatta”, “Mendonça”, “Borges”, “Gomes”, entre outras, as quais se formaram a partir de ascendentes em comum, como os pais e avós dos proprietários atuais e, em casos “limites” até os bisavós.

Nosso próximo registro relacionado ao *eixo família*, será destacado a partir do que chamaremos de *ciclo de existência do grupo familiar*.

Trata-se de um esboço, elaborado a partir de dados de campo, que apresenta três situações associadas ao número de gerações ascendentes e descendentes de cada grupo familiar, tendo como referência a geração atual de proprietários.

Vale salientar que esse esboço referencia-se a partir da observação qualitativa da realidade dos grupos familiares da comunidade, não propondo, assim, um “enquadramento” quantitativo de todos os grupos familiares analisados em campo, nas situações a serem apresentadas.

Isso quer dizer que o número de grupos familiares que se identificam nas três situações a serem descritas é bastante variado, sendo possível apenas assinalar que, dessas situações, a que mais se destacou em nossa amostra foi a situação “b”.

Assim, quanto ao ciclo de existência dos grupos familiares na comunidade rural de Sobradinho, verificamos as seguintes situações:

a) *grupos familiares com um ciclo de existência recente na comunidade*: iniciado pela geração atual de proprietários e seguido somente pela próxima geração descendente, no caso, seus filhos, independentemente de serem crianças ou adultos (sem filhos).

Essa primeira situação assinala para a existência de vários grupos familiares que não fazem parte de redes de parentesco mais amplas no interior da comunidade;

b) *grupos familiares com um ciclo de existência de médio prazo na comunidade*: iniciado pela primeira geração ascendente dos proprietários atuais, isto é, a geração dos pais dos proprietários atuais, seguido naturalmente pela geração dos proprietários atuais; e, depois, pela primeira geração descendente, que são seus filhos, independentemente de serem crianças ou adultos (sem filhos);

c) *grupos familiares com um ciclo de existência antiga na comunidade*: iniciado pela segunda ou terceira (em poucos casos) geração ascendente dos proprietários atuais, seguido pela geração dos proprietários atuais e, depois, pela primeira geração de descendentes destes, totalizando até aqui um ciclo de quatro gerações.

Outro dado associado ao *eixo família*, verificado em nosso trabalho, foi a *quantidade de membros por grupo familiar*, que variou entre o mínimo de 2 e o máximo de 6 pessoas residindo na mesma propriedade.

Com relação à *composição dos grupos familiares*, destacamos os seguintes arranjos identificados em campo:

| Arranjo familiar | Número de famílias |
|-------------------------|---------------------------|
| Apenas o pai e a mãe | 3 |
| Pais + filhos solteiros | 9 |
| Pais + filhos casados | 1 |
| Pais + filhos + netos | 2 |
| Não identificado | 5 |

Quadro 3: Composição dos grupos familiares pesquisados na comunidade de Sobradinho.
Fonte: pesquisa de campo, março de 2005.

Conforme destacado no quadro anterior, dos quatro arranjos familiares verificados na comunidade de Sobradinho, o que obteve mais registros foi o segundo, no qual o grupo familiar (membros familiares que residem na mesma propriedade) é formado pelos pais, junto com os filhos solteiros, tanto homens quanto mulheres.

3. Considerações finais

Ao recorrermos a uma análise empírica das categorias propriedade, trabalho e família na comunidade rural de Sobradinho, apreendemos um conjunto de dados e informações acerca da realidade vivida e das condições socioculturais de existência de seus produtores familiares.

Se, por um lado, foram verificadas grandes e profundas transformações no meio rural uberlandense, ao longo do século XX, especialmente por meio da modernização da base tecnológica e produtiva, devemos estar atentos também às persistências e redefinições ocorridas no bojo desse processo.

Este é o caso da agricultura familiar ou camponesa no município de Uberlândia que, a despeito dos processos modernizantes, tem persistido e recriado-se enquanto categoria social. Assim, esse estrato social tem afirmando o seu lugar social e a sua territorialidade no mundo rural uberlandense.

A produção familiar/camponesa na comunidade de Sobradinho, bem como a sua expressiva presença na região norte do município de Uberlândia, acaba por revelar no contexto local, que as relações de produção não-capitalistas no campo brasileiro não podem mais ser concebidas, na atualidade, como resquício cultural em vias de desaparecimento.

Um dado revelador foi o registro de redes de parentesco que interligam vários grupos familiares dessa comunidade rural, sem desconsiderarmos, também, a presença de moradores que não se ligam por parentesco a nenhum outro grupo familiar. Os laços de parentesco certamente foram mais “fortes” e amplos em tempos passados, mas o que nos chama a atenção é a sua permanência expressiva no tempo presente.

Uma abordagem mais abrangente e reveladora da configuração atual do espaço agrário uberlandense, não poderá desconsiderar a espacialização e a territorialização da produção familiar/camponesa nos núcleos e comunidades rurais do município.

Entender concretamente como têm vivido e buscado sua reprodução social, conhecer as estratégias e alternativas adotadas para isso e desvelar o que tem persistido e sido recriado/redefinido na realidade desses sujeitos, produtores-familiares da comunidade rural de Sobradinho, foi o exercício buscado neste estudo.

4. Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da Terra**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Pesquisas)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; RAMALHO, José Ricardo. **Campesinato Goiano**. Goiânia: UFG, 1986. (Coleção Documentos Goianos).

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 8ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

CUSTÓDIO, Ada Borges. **Política rural e pequena produção familiar em Uberlândia – Triângulo Mineiro**, 1996. Monografia - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1996.

FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. **Mundo Rural e Geografia: Geografia Agrária no Brasil –1930-1990**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1981.

MOURA, Margarida Maria. **Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural**. São Paulo: Hucitec, 1978.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996.

PESSOA, Vera Lúcia Salazar. **Características da modernização da agricultura e do desenvolvimento rural em Uberlândia**. 1982. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1982.

SANTOS, José Vicente Tavares. **Colonos do Vinho**. São Paulo: Hucitec, 1978.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. *In*. TEDESCO, João Carlos (Org.). **Agricultura Familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: UPE, 2001. p.21-55.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. **O Trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.